

YO NO CREO EN BRUJAS PERO QUE LAS HAY LAS HAY

Álvaro Pessôa (*)



Não são frequentes, no Brasil, as publicações sobre o cultivo de orquídeas. Caso você não fale ou leia espanhol, alemão ou inglês, terá sérias dificuldades para aprender a cultivá-las, mas como alternativa, poderá conversar com os veteranos, que nos tempos atuais estão um pouco mais predispostos a revelar seus segredos.



Todavia, meu caro amigo e qualificado leitor, tão importante quanto cultivar suas plantas, é refletir sobre um tema sobre o qual pouco se fala e ninguém escreve: a lei da implicância natural das coisas, aplicada à orquidofilia. Ou, em português mais claro: a questão das superstições, pragas, olho gordo e mandingas aplicadas à orquidofilia.

Porisso, tendo terminado, recentemente, a construção de uma estufa, e para lá tendo transferido a coleção de plantas, logo demos início (meu caseiro e eu) à "proteção" das mesmas.

Não, meu prezado companheiro de "hobby". Não se trata de "proteger" com telhas, sombrite ou plástico. Trata-se de coisa muito mais importante: a proteção esotérica. No campo externo à estufa, segundo o aconselhamento do meu caseiro e amigo Jorge, especialista na matéria e contratador de rezadeiras para benzer plantas doentes, ela inclui o seguinte:

a) mudas de mamona roxa (que devem ser ganhas e não compradas);

b) espada de São Jorge (da roliça e da de folha larga);

c) comigo ninguém pode (também recebida em doação, senão não faz efeito)

d) pimenta do Congo (pimenta flor);

e) alecrim; e afinal

f) arruda.

Já dentro da estufa, a "proteção" deve compreender:

a) figas grandes (de pau Guiné, naturalmente), na entrada e na saída, se possível roçando na cabeça de quem entra e sai;

b) toco de muiratinga (cujo nome vulgar, não posso escrever nesta revista);

c) par de ferraduras de cavalo usadas;

d) crânio de boi seco.

Talvez neste momento de sua trajetória orquidófila, você ache isso tudo u'a maluquice e um absurdo. Quando estiver com vinte anos de cultivo, é provável que entenda. Primeiro porque, como diz com propriedade Carlos Eduardo de Britto Pereira: "QUANDO UMA ORQUÍDEA ESCOLHE O CAMINHO DA MORTE, NÃO HÁ COMO EVITAR O SUICÍDIO".



Segundo porque, são inexplicáveis, à luz da técnica, alguns episódios verdadeiramente incríveis acontecidos com orquídeas. Plantas perfeitamente sadias, que após olhadas, admiradas, comentadas e elogiadas na exposição, voltam para a estufa e, de repente, sem qualquer razão aparente, fungam, empacam, tornam-se comida de grilos e lagartas ou desenvolvem doença negra. Desnecessário dizer que as plantas atacadas são sempre as cabeceiras da coleção: as mais bonitas e sobretudo as mais cobiçadas. "Vaso ruim não quebra", já ensina o dito popular.

Nunca li um livro de Paulo Coelho; sou apenas um homem temente a Deus e creio intensamente em sua presença regendo o destino das pessoas e do mundo. Não pratico nenhuma religião em especial. Mas

não sei nem consigo explicar, à luz da tese de que o brasileiro é um povo bom, cordial e camarada, que os olhares de alguém possam atingir a saúde de uma planta, deflagrar doenças em série num orquidário, ou levar à quebra "daquele" broto, ou à quebra de botão longamente esperado. Mas que já vi um monte de vezes isso acontecer, já vi!

É bem verdade que sempre se falou, no Brasil, nas pessoas dotadas do "olhar de seca pimenteira", c'u das que possuíam o dom de "calar o sabiá". No primeiro caso, o agente trazia em si tal "carga negativa" que, diante de seus olhos, queimavam as folhas das árvores, as avencas balançavam as folhas, as samambaias ficavam negras e até secava o pé de pimenta. Já a presença do segundo, emudecia os passarinhos e até o sabiá calava o bico e cessava o canto. Helena Eyer jura, que num dia sem vento, a samambaia dela balançou a folha, negando a muda que ela pretendia doar.

A mesma Helena, que já escreveu sobre o tema, explica que a pessoa dotada do "olhar de seca pimenteira" (que também seca as orquídeas) pode até desconhecer que possui esse dom. Isto é, tendo ou não inveja, a planta seca, funga, ou adoece após ser olhada, desejada ou apetejada. Porque aí reside o risco maior. O perigo aumenta, ou a intensidade da praga cresce, quando o pretendente a comprador, tem seu desejo de aquisição negado.

≡

Pode haver quem ache que o motivo deste artigo é de simples gozação. Não é. Consulte qualquer orquidófilo veterano, sobre as consequências ocasionadas às plantas por um grande desgosto sofrido pelo colecionador. O orquidário inteiro entra em decadência junto com o cultivador. Em caso de morte do colecionador, o resultado é idêntico. Quando a viúva vai procurar o que vender, metade já se perdeu.

E se você ainda dúvida desta estranha

saga das orquídeas, veja na sua coleção, a diferença de crescimento entre as plantas doadas pelos seus amigos de grande coração, ou doadas com coração aberto, daquelas doadas por aquele "unha de fome" que "dá com o pé atrás". As primeiras vicejam e vegetam admiravelmente; as segundas só fazem dar para trás.

E

Em Teresópolis, havia uma figura inesquecível, que tinha a alcunha de "caçulinha". Pois o "caçulinha" dava plantas com tal dose de miséria mental e espiritual, que elas nunca se desenvolviam e pouco floriam. Só depois que o "caçu-linha" desapareceu, numa conversa em um grupo de orquidófilos descobrimos que as plantas dadas pelo caçulinha, não vege-tavam bem na mão de ninguém. Já vinham com o gene da mesquinha.

De forma que, meu caro amigo e leitor, acreditando (ou não) nos ditos acima, proteja suas orquídeas, porque "yo no creo en brujas, pero que las hay las hay".

Foi por tudo isso que, antes de correr qualquer risco, preferi optar pelas defesas que me aconselhou meu caseiro.



(*) Rua Uruguai, 508/102
20510-060, Rio de Janeiro, RJ.